

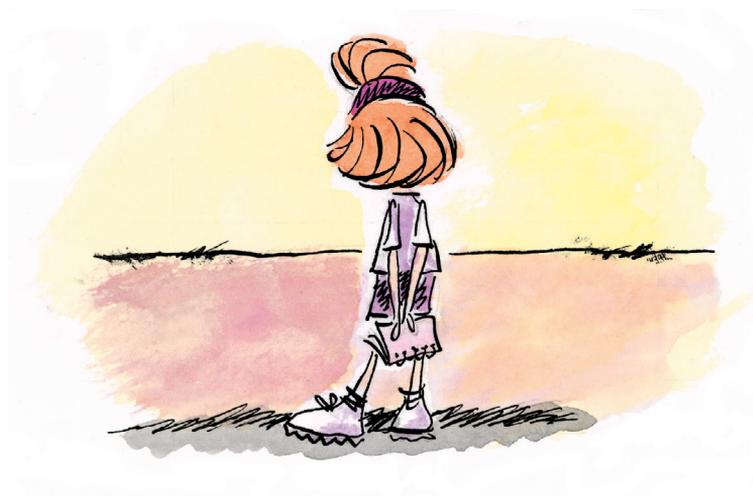
FANNY ABRAMOVICH

Ilustrações: Negreiros



COMEÇAR TUDO DE NOVO?!

8ª edição



*Para
Cecilia Reggiani Lopes,
que sabe intervalar,
abrir atalhos,
procurar novos caminhos
e recomeçar.*

 **Atual**
Editora



PREPARATIVOS

Bruna acordou bem cedo. Curiosa e nervosa ao mesmo tempo. Tomou banho, botou o uniforme, preparou a mochila. Esperou horas até sua irmã, Mônica, acabar de se embonecar. Ela queria abafar! Bruna se impacientou e puxou a irmã pra tomar o café. Na mesa, Bruna quase não falou. Mônica tagarelou, animadíssima. Bruna não entendeu a alegria. Ela só queria voltar para a velha escola, reencontrar as amigas, abraçar apertado Simone e Juju.

O pai levou as duas pro ponto de ônibus. Lembrou lembrado. Fez o caminho inteirinho com as duas mais de cinco vezes. Pra ter certeza de que não iam se perder, de que iam chegar direitinho. Tinham que saber muito bem sabido. Na ponta da língua. Mônica repetiu tim-tim por tim-tim. Pegar o ônibus 21 L, descer no ponto final, atravessar a rua com cuidado, andar três quarteirões pra esquerda e dar de cara com a porta da nova escola. O pai sorriu, satisfeito. Deu um beijinho nas duas e desejou boa sorte.

Mônica puxou prosa:

— Que cara é esta, Bruna? Engoliu uma tigela cheinha de aveia da bem grudenta?

— Não engoli coisíssima nenhuma. Só não acho graça como você.

— Por quê? Medo da nova escola?

— Não é bem medo... Mais um baita nervoso. Não sei com quem vou trombar, falar, brincar... Não sei o



jeito das novas colegas, a cara da nova professora, e mais mil coisinhas.

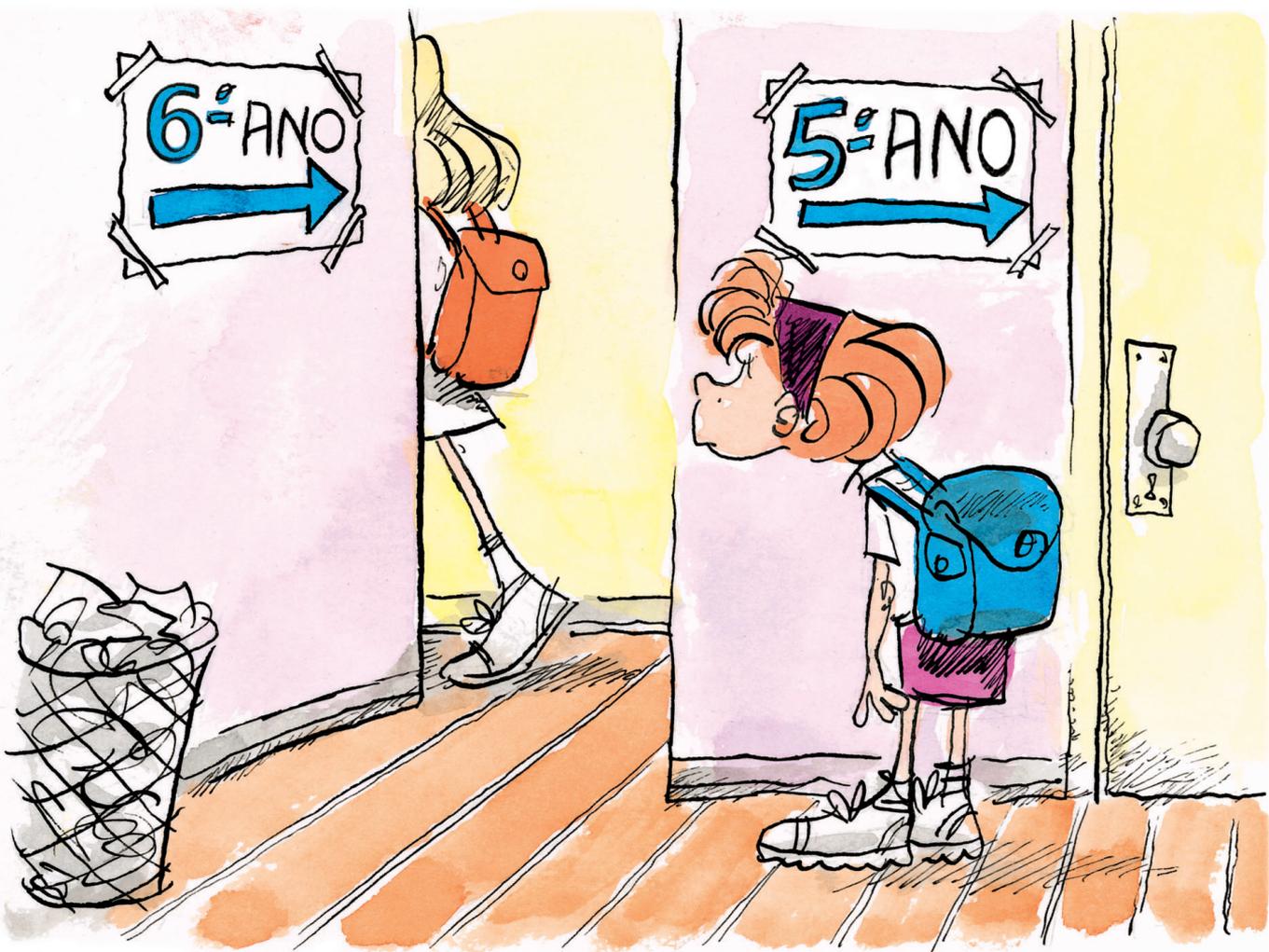
— Mudar de caras é superlegal!

— Legal pra você, Mônica, que vai pro 6º ano. É meio turma nova mesmo. Vem gente dum montão de lugares. Mil caras novas pra todos da classe. Eu vou pro 4º ano. É bem diferente. Aposto que são de patotas fechadas, tipo ninguém entra e ninguém sai.

— Deixa de ser medrosa. Vai ser gostoso!

— Só porque você quer...

Chegaram. Despedida ali mesmo. Entrada até o 5º ano por aquela porta. Do 6º em diante, do outro lado. Combinaram se encontrar ali mesmo na saída. Esperar até a outra chegar. Podia demorar duas horas. Prometido. Maior figa pra dar tudo certo e tchau num disfarçado nervoso.





NA FILA E NA CLASSE

Bruna passou pelo portão. Parou no pátio, viu a alegre correria. Gritinhos, abraços, pulos, beijocas. Contenteza barulhenta. Bruna ficou de lado. Sozinha, suando. Nenhuma cara conhecida, nenhum sorriso amigo. Tempo parado, sem nunca passar. Fingiu fissuração por uma árvore, fazendo de conta que estava numa olhação fantástica. Suando, sozinha.

Deu o sinal. Todo mundo correu pro mesmo lado. A diretora bateu palmas e gritou o lugar de cada classe. Uma fila para cada ano. Deu bagunça, logo se ajustou. Alguns alunos apalermados não achavam onde ficar. As professoras ajudavam os atrapalhados. Bruna descobriu seu lugar, entrou na fila e olhou para cima, fingindo tirar de letra toda a confusão.

Seguiu os outros até a classe. Entrou e se arrepiou. Não sabia onde se sentar. Parou, avermelhou e esperou uma dica. Ninguém se mancou. Só sabia que não queria ficar na primeira ou na última fila. De jeito nenhum. Suou. Deu um tempo, viu um lugar vazio na metade da sala. Tipo escondido. Ninguém por lá. Avançou, sentou. Respirou e fez figa pra não chegar um atrasadinho e tirar sua carteira. Não se mexeu, não deixou ninguém sacar seu nervoso aflito. Espalhou caderno, lápis, caneta, avisando que aquele lugar era seu.

A professora entrou carregando pilhas de livros e cadernos. Abriu a caderneta e começou a fazer a



chamada. Bem devagar e bem alto. Nome e sobrenome. Maior silêncio. Cada criança levantava e dizia “presente”. Bruna respondeu bem baixinho, superenvergonhada. Avermelhou, mas ninguém reparou. Atentou e sacou que conhecia dois dos garotos dum clube. Um, não guardou o nome; o outro, Zito. Não se animou. Duas pestes. Resmungou. Nunca gostou de se enturmar com garotos, muito menos uns moleques aprontadeiros.

A professora foi pra lousa, escreveu seu nome. Antonieta, mas todos a chamavam de dona Nieta. Estava muito contente de começar a dar aulas naquela escola e naquela classe. Vinha de uma de outro bairro, longe dali. Essa escola era mais perto da sua casa e muito mais famosa. Era especialista em 4^{os} anos. Ia dar de tudo pra mostrar que merecia ensinar ali. Com ela, muito estudo e tratar de aprender bem e depressa. Tudo na lei e na ordem! Tinha certeza de que iam fazer juntos um ótimo 4º ano! Bruna suspirou...

A professora não deu tempo pra nada e começou a distribuir a lista de material escolar. Enorme. Montes de cadernos e de livros, régua, papel almaço, lápis de cor, caneta, borracha, durex, cola, tesoura. Não acabava mais... Bruna se preocupou. Como é que a mãe ia arranjar dinheiro pra tanto material?

Depois, dona Nieta deu uma folha de papel branco pra cada um. Pediu para escrever uma redação: “Como passei as férias”. Explicou que era um jeito de saber um pouco de cada um deles, do que gostavam, como escreviam, no que tinham dificuldade.

Uma turminha bagunçou. Dona Nieta botou um fim rápido. Mandou começar a escrever. Já! Bruna se

